MAMONA

Desde 1982, o Brasil deixou de ser o maior produtor de mamona, superado pela Índia, que, este ano, conseguiu uma produção recorde, provocando queda das cotações internacionais. Como reflexo, a comercialização interna encontra-se tumultuada, uma vez que as indústrias relutam em adquirir o produto pelo preço mínimo.

Os preços recebidos pelos produtores de mamona no mercado interno, este ano, vêm-se situando abaixo do preço mínimo (1), como reflexo das baixas cotações internacionais do óleo de mamona. Sua evolução não está conseguindo, sequer, acompanhar a inflação (ver Quadro 08) e deverá haver um grande desestímulo ao plantio na próxima safra.

Com efeito, a comercialização da mamona está bastante tumultuada. As indústrias vêm pagando pelas bagas entre Cr$ 45 mil e Cr$ 50 mil/60 kg (junho), na região de Irecê (BA), enquanto o preço mínimo(2) é de Cr$ 70.560/60 kg (junho) para as regiões Norte e Nordeste. Os produtores também não estão conseguindo vender o seu produto ao governo pelo preço oficial, uma vez que os recursos destinados à aquisição da safra não foram liberados. Por esse motivo, em Irecê, organizaram uma passeata, a fim de conseguir a liberação. Em protesto, chegaram a queimar várias sacas de mamona.

O movimento parece ter surtido algum efeito, pois, através da implantação de uma operação especial de compra, a **CFP** decidiu adquirir bagas, pagando, em junho, Cr$ 68.040/60 kg pelo tipo 4 (adotado como classificação simplificada) no Nordeste. Uma vez em poder da **CFP**, as bagas poderão ser repassadas às indústrias. Estas consideram que esse preço de aquisição tornará economicamente inviável a exportação do óleo no nível das atuais cotações externas. Além disso, existem ainda outras opções, como parte das bagas ser vendida no mercado externo, já que as exportações estão liberadas.

Características da produção

Um dos principais entraves ao aumento da produção brasileira de bagas encontra-se na estrutura de comercialização. Os numerosos produtores de mamona cultivam em pequenas propriedades e não têm condições de negociar os preços de suas safras diretamente com as indústrias. Ficam, portanto, sujeitos à excessiva intermediação, e, em muitos casos, aos agentes de compras das indústrias, arcando com as maiores perdas decorrentes das baixas cotações externas do óleo. No entanto, não se beneficiam integralmente dos lucros quando a situação do mercado internacional se inverte.

Para aumentar o poder de negociação, os produtores deveriam fortalecer sua organização em cooperativas(3), de forma a concentrar as vendas. Além disso, as imperfeições do mercado poderiam ser atenuadas, através da fixação de um preço mínimo oficial que represente, de fato, uma garantia para o escoamento da safra. Sobretudo em épocas de baixas cotações internacionais do óleo, como ocorre atualmente, o preço mínimo assume grande importância, pois, ao impedir que as indústrias de óleo, com características oligopsônicas, consigam adquirir o produto a preços muito reduzidos, minimiza os prejuízos dos produtores. Por outro lado, a recente liberação das exportações de bagas deverá contribuir para fortalecer a posi-

(1) Para a região Centro-Sul, o preço mínimo da mamona que entrou em vigor em maio foi fixado em Cr$ 48.120/60 kg, enquanto que o das regiões Norte e Nordeste, a vigorar a partir de julho, está estimado em Cr$ 77.040/60 kg.

(2) Situação semelhante só havia ocorrido em 1974, quando os preços de mercado alcançaram os níveis dos mínimos. Geralmente, os preços pagos pelas indústrias têm sido bem superiores aos estabelecidos pelo governo federal como garantia da safra.

(3) Para se ter uma idéia mais precisa do destino da produção de mamona no Brasil, é interessante constatar que, segundo dados do **Censo Agropecuário** *de 1980, apenas 0,2% da produção nacional são entregues às cooperativas, enquanto cerca de 92% ficam nas mãos de intermediários.*

QUADRO 08 – MAMONA – VARIAÇÕES PERCENTUAIS DOS PREÇOS[1] RECEBIDOS PELOS PRODUTORES NOS PRINCIPAIS ESTADOS PRODUTORES – 1980/85

MÊS	BAHIA					PARANÁ					SÃO PAULO				
	1980/81	1981/82	1982/83	1983/84	1984/85	1980/81	1981/82	1982/83	1983/84	1984/85	1980/81	1981/82	1982/83	1983/84	1984/85
Janeiro	54	92	91	580	92	83	73	74	471	124	93	80	59	616	93
Fevereiro	84	77	98	575	73	110	73	88	504	93	104	90	70	545	85
Março	100	73	104	606	59	111	87	84	489	82	106	99	57	486	79
Abril	97	66	137	489	60	118	102	113	384	76	102	110	46	470	67
Maio	94	72	228	353		127	81	177	323		112	105	50	459	
Junho	76	87	288	265		119	94	184	350		111	119	64	337	
Julho	77	86	352	213		107	87	202	316		107	96	143	255	
Agosto	99	82	345	163		125	61	258	253		122	82	257	165	
Setembro	87	98	501	133		106	52	442	140		92	74	357	85	
Outubro	89	90	534	125		93	66	526	119		77	92	616	91	
Novembro	90	80	459	131		96	65	391	151		101	84	593	151	
Dezembro	90	84	488	126		84	70	432	134		91	85	497	122	

FONTE – FGV/IBRE/CEA.
[1] Preços correntes. Percentual de cada mês sobre o mesmo mês do ano anterior.
NOTA – Em negrito, as variações inferiores às da inflação medida pelo IGP-DI.

ção dos produtores, embora venha a reativar as indústrias de esmagamento em outros países.

Por sua vez, uma contínua expansão da produção interna de bagas seria o primeiro passo para o **Brasil** aumentar sua participação no mercado internacional de óleo e tentar recuperar sua posição hegemônica em relação à demanda externa. Contudo, as projeções da publicação alemã **Oil World** para o período 1983-87 não são muito otimistas. Além de não estimar substancial aumento da produção brasileira de óleo, também não considera que essa produção supere a da **Índia** (ver Quadro 09).

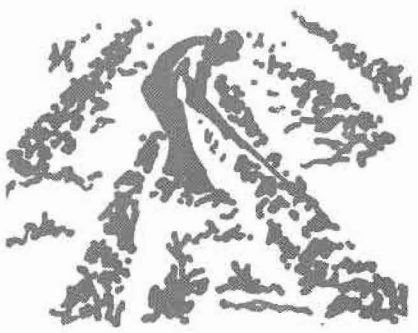
Mercado internacional

O **Brasil** já foi o mais importante produtor mundial de mamona e o principal produtor e exportador de óleo de mamona, seguido de **Índia** e **China.** Conforme se observa no Quadro 10, em 1974, a produção brasileira de mamona, incentivada pelas elevadas cotações internacionais do óleo no ano anterior e pela recém-iniciada crise do petróleo, que começou a exigir novas soluções para a escassez de combustível, chegou a representar cerca de 52% do total mundial (573 mil t).

A partir de então, a participação do país vem declinando acentuadamente, sendo ultrapassada, na safra 1981/82, pela Índia, que passou a liderar também o mercado internacional do óleo. A produção de mamona da **China,** cuja participação aumentou sensivelmente nos últimos anos, também superou ligeiramente a do Brasil na safra 1983/84, embora essa posição não se tenha mantido, em virtude da recuperação da produção brasileira de bagas, a partir de 1984. As exportações brasileiras do óleo também alcançaram seu auge em 1974.

Ainda em 1974, para evitar que as cotações internacionais do óleo baixassem excessivamente, foi instituída a **Comissão Coordenadora das Exportações de Óleo de Mamona – Coceom,** que, através do estabelecimento de um determinado número de quotas, a serem transacionadas por cada indústria, passou a controlar as exportações. Estas só foram liberadas no segundo semestre de 1980, com a extinção da **Coceom.**

Note-se que, a partir de 1959, com o objetivo de fortalecer as indústrias brasileiras de óleo, as vendas de bagas no mercado externo foram proibidas. Hoje, em virtude da atual política de abertura de novos mercados e expansão das exportações, voltaram a ser permitidas **(Comunicado da Cacex nº 119,** de 06/02/85). Por outro lado, como a produção brasileira de bagas é quase totalmente canalizada para as indústrias de esmagamento, restando apenas uma pequena parcela a ser utilizada como semente, o país tem recorrido permanentemente ao mercado internacional, visando a suprir suas necessidades de sementes para plantio (ver Quadro 11).



QUADRO 09 – ÓLEO DE MAMONA – BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA MUNDIAIS – 1970–84 E 1983/87[1]
(mil t)

ESPECIFICAÇÃO	1970	1971	1972	1973	1974	1975	1976	1977	1978	1979	1980	1981	1982	1983	1984	1983/87[1]
a. ESTOQUE INICIAL																
Brasil	50	47	30	18	39	60	102	35	37	25	18	23	19	19	16	20
Índia	14	14	20	5	1	16	5	7	10	15	13	14	6	14	23	14
China	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–
Outros países	87	83	56	44	34	63	60	70	45	40	71	64	53	46	36	44
TOTAL MUNDIAL	151	144	106	67	74	139	167	112	92	80	102	101	78	79	75	78
b. PRODUÇÃO																
Brasil	167	132	136	172	198	158	97	128	160	170	149	131	85	70	88	103
Índia	45	50	55	62	75	73	62	65	75	85	94	73	112	123	127	114
China	28	24	23	25	25	25	26	28	33	35	38	42	44	48	48	49
Outros países	118	114	103	100	106	107	91	87	74	69	84	77	80	92	99	86
TOTAL MUNDIAL	358	320	317	359	404	363	276	308	342	359	365	323	321	333	362	352
c. IMPORTAÇÃO																
Outros países	197	156	183	176	201	129	185	162	186	220	187	187	161	139	158	189
TOTAL MUNDIAL	197	156	183	176	201	129	185	162	186	220	187	187	161	139	158	189
d. EXPORTAÇÃO																
Brasil	153	135	130	132	157	95	141	101	141	147	113	104	55	43	57	70
Índia	16	14	42	44	27	22	43	32	46	50	49	52	59	56	59	75
China	2	2	1	1	1	–	–	1	4	7	7	10	10	16	11	15
Outros países	17	14	12	6	10	10	9	17	14	14	19	24	25	25	26	28
TOTAL MUNDIAL	188	165	185	183	195	127	193	151	205	218	188	190	149	140	153	188
e. OFERTA TOTAL [a+b+(c-d)]																
Brasil	64	44	36	58	80	123	58	62	56	48	54	50	50	47	48	53
Índia	43	50	33	23	49	67	24	40	39	50	58	36	59	81	91	53
China	26	22	22	24	25	25	26	27	29	28	31	33	34	32	38	34
Outros países	385	339	330	314	330	289	327	302	291	322	323	302	268	250	265	291
TOTAL MUNDIAL	518	455	421	419	484	504	435	431	415	448	466	421	411	410	442	431
f. CONSUMO APARENTE																
Brasil	17	14	18	19	20	21	23	25	31	30	31	31	31	31	28	33
Índia	29	30	28	22	33	62	17	30	24	37	44	30	45	58	62	39
China	26	22	22	24	25	25	26	27	29	28	31	33	34	32	38	34
Outros países	302	283	286	280	267	229	257	257	251	251	259	249	222	214	222	246
TOTAL MUNDIAL	374	349	354	345	345	337	323	339	335	346	365	343	332	335	350	352
g. ESTOQUE FINAL																
Brasil	47	30	18	39	60	102	35	37	25	18	23	19	19	16	20	20
Índia	14	20	5	1	16	5	7	10	15	13	14	6	14	23	29	14
China	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–
Outros países	83	56	44	34	63	60	70	45	40	71	64	53	46	36	43	45
TOTAL MUNDIAL	144	106	67	74	139	167	112	92	80	102	101	78	79	75	92	79

FONTE – Oil World.
[1] Projeção.

QUADRO 10 – MAMONA – PARTICIPAÇÃO DOS PRINCIPAIS PAÍSES PRODUTORES NA PRODUÇÃO MUNDIAL SAFRAS 1970/71 A 1986/87

SAFRA	PRODUÇÃO (mil t)					PARTICIPAÇÃO NO TOTAL MUNDIAL (%)			
	Brasil	Índia	China	Outros	Mundial	Brasil	Índia	China	Outros
1970/71	349	136	101	228	814	42,9	16,7	12,4	28,0
1971/72	362	154	75	263	854	42,4	18,0	8,8	30,8
1972/73	320	175	72	240	807	39,7	21,7	8,9	29,7
1973/74	430	229	66	272	997	43,1	23,0	6,6	27,3
1974/75	573	210	71	247	1.101	52,0	19,1	6,4	22,4
1975/76	353	143	67	237	800	44,1	17,9	8,4	29,6
1976/77	222	179	68	225	694	32,0	25,8	9,8	32,4
1977/78	277	217	79	200	773	35,8	28,1	10,2	25,9
1978/79	388	229	98	192	907	42,8	25,2	10,8	21,2
1979/80	325	260	109	205	899	36,2	28,9	12,1	22,8
1980/81	281	204	113	182	780	36,1	26,2	14,5	23,3
1981/82	280	310	137	169	896	31,3	34,6	15,3	18,9
1982/83	192	345	156	190	883	21,7	39,1	17,7	21,5
1983/84[1]	172	350	179	200	901	19,1	38,8	19,9	22,2
1984/85[2]	250	385	175	191	1.001	25,0	38,5	17,5	19,1
1982/83-1986/87[3]	230	315	160	185	890	25,8	35,4	18,0	20,8

FONTE – Oil World.
[1] Preliminar.
[2] Estimativa.
[3] Projeção.

Devido aos elevados estoques mundiais de óleo existentes em 1975 (139 mil t no início e 167 mil t no final do ano), formados em grande parte com o produto brasileiro, e ao conseqüente declínio das cotações internacionais, com reflexo no nível dos preços das bagas praticados no mercado interno, a produção brasileira de mamona reduziu-se consideravelmente no período 1975/77.

Como a oferta mundial do óleo é bastante sensível aos movimentos dos preços, observa-se que, em resposta às elevadas cotações internacionais, a produção e a decorrente participação dos principais países nas exportações aumentam, o que, por sua vez, tende a provocar redução dos preços e desestímulo à produção no período seguinte. Já a demanda externa por óleo, embora reflita a situação econômica dos países importadores, não apresenta acentuadas variações em função de preços, significando que esse produto, importante por suas

QUADRO 11 – MAMONA – IMPORTAÇÃO DOS PRINCIPAIS IMPORTADORES MUNDIAIS – 1970–84 E 1983/87[1] (mil t)

ANO	COMUNIDADE ECONÔMICA EUROPÉIA	JAPÃO	BRASIL[2]	OUTROS PAÍSES	TOTAL MUNDIAL
1970	74	58	–	7	139
1971	81	62	3	5	151
1972	63	47	10	3	123
1973	49	46	17	6	118
1974	54	38	15	3	110
1975	59	36	–	2	97
1976	60	46	6	1	113
1977	57	44	11	1	113
1978	44	31	6	1	82
1979	39	37	7	1	84
1980	34	29	15	3	81
1981	33	25	8	5	71
1982	43	26	16	4	89
1983	39	37	11	4	91
1984	43	50	10	5	108
1983/87[1]	38	10	30	6	84

FONTE – Oil World.
[1] Projeção. [2] Para fins de uso como semente.

QUADRO 12 – ÓLEO DE MAMONA – COTAÇÕES INTERNACIONAIS – 1971-84
(US$/t CIF-Rotterdam)

ANO	MÊS												MÉDIA ANUAL	VARIAÇÃO ANUAL (%)
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez		
1971	353	338	331	310	320	337	337	333	329	351	357	375	339	–
1972	393	358	368	389	437	490	507	455	547	770	871	856	537	58,4
1973	870	1.070	1.510	1.150	1.087	947	1.180	1.197	1.030	1.060	1.040	990	1.094	103,7
1974	946	959	915	865	850	...	...	...	675	679	660	640	...	–
1975	642	635	588	610	604	589	593	599	589	541	497	487	581	–
1976	492	534	536	533	655	730	870	859	832	771	789	818	702	20,8
1977	834	860	900	1.055	1.012	950	882	954	1.000	1.013	978	950	949	35,2
1978	970	982	970	870	845	845	802	810	775	868	801	785	860	– 9,4
1979	818	838	840	819	808	879	1.010	1.145	1.185	1.179	1.160	1.180	988	14,9
1980	1.175	1.165	1.175	1.170	1.125	1.010	1.015	975	975	965	985	1.085	1.068	8,1
1981	1.045	990	990	975	920	915	920	960	945	925	900	870	946	–11,4
1982	926	950	945	945	950	965	955	945	930	980	978	940	951	1,0
1983	950	976	1.037	1.080	1.074	1.070	1.133	1.473	1.629	1.604	1.604	1.661	1.274	34,0
1984	1.725	1.606	1.525	1.588	1.435	1.380	1.261	1.231	1.373	1.353	1.203	1.082	1.397	9,7

FONTE – Oil World.

inúmeras aplicações na indústria[4] é, em muitos casos, de difícil substituição. No entanto, é interessante verificar que, devido às constantes flutuações de suas cotações externas, derivadas em grande parte das oscilações da produção brasileira de bagas e óleo, algumas empresas consumidoras buscam outras fontes de abastecimento e as menos dependentes voltam-se para o emprego de óleos substitutos, destacando-se os de linhaça, tungue, coco e palma.

(4) O óleo de mamona, além de empregado como lubrificante na aviação e como fluido para freios hidráulicos na indústria automobilística, é ainda utilizado no preparo de tintas e vernizes, produtos medicinais, matérias plásticas e náilon, dentre outros produtos. Além disso, a torta ou farelo de mamona, subproduto resultante da extração do óleo, serve como adubo ou alimentação animal, depois de desintoxicada.

Novamente em 1978 e 1979, a produção brasileira de mamona, estimulada pela tendência altista dos preços iniciada em meados de 1976, apresentou sensível incremento. Não obstante o melhor desempenho da safra brasileira de bagas, no entanto, as cotações internacionais do óleo, em razão da crescente demanda interna e externa (notadamente por parte da **União Soviética**) elevaram-se bastante no decorrer de 1979, passando de US$ 818/t **CIF-Rotterdam** em janeiro, para US$ 1.180/t **CIF-Rotterdam**, em dezembro, como demonstra o Quadro 12.

Anos oitenta

Depois de 1979, quando foram colhidas cerca de 325 mil t de mamona, a produção brasileira reduziu-se acentuadamente, registrando decréscimo médio anual de 14% entre 1980 e 1983. Ao contrário, a produção indiana de bagas apresentou expressivo incremento, da ordem de 11% a.a. nesse mesmo período, enquanto a produção da **China** evoluiu de 113 mil t, em 1980 para 179 mil t, em 1983.

Notadamente em 1982 e 1983, as sucessivas frustrações das safras brasileiras, provocadas por condições climáticas desfavoráveis em 1982 e pela acentuada redução da área plantada em 1983, devido ao desestímulo de preços, foram responsáveis pela sensível diminuição da participação do **Brasil** no mercado internacional do óleo. De acordo com os dados do Quadro 09, a queda da produção brasileira de óleo, em 1982 (–35% em relação à obtida em 1981 e 32% inferior à produção indiana registrada no mesmo ano), acarretou redução de 47% na quantidade exportada, tendo a receita, por outro lado, sido prejudicada pelas baixas cotações externas do óleo, decorrentes da recessão internacional. Também em 1983, apesar da melhoria das cotações mundiais, devido à escassa produção brasileira de óleo, as vendas externas, bem como os estoques declinaram.

As altas cotações internacionais do óleo favoreceram mais uma vez a recuperação da produção brasileira de bagas, em 1984, que evoluiu, se-

QUADRO 13 – ÓLEO DE MAMONA – IMPORTAÇÃO DOS PRINCIPAIS IMPORTADORES MUNDIAIS – 1970–84 E 1983/87[1] (mil t)

ANO	COMUNIDADE ECONÔMICA EUROPÉIA	EUA	URSS	OUTROS PAÍSES	TOTAL MUNDIAL
1970	99	48	11	39	197
1971	66	35	19	36	156
1972	85	44	18	36	183
1973	77	46	13	40	176
1974	91	52	12	46	201
1975	45	37	20	27	129
1976	80	52	25	28	185
1977	58	53	25	26	162
1978	79	52	25	30	186
1979	93	49	47	31	220
1980	63	43	52	29	187
1981	70	40	41	36	187
1982	65	29	40	27	161
1983	52	34	32	21	139
1984	67	37	34	20	158
1983/87[1]	75	40	40	34	189

FONTE – Oil World.
[1] Projeção.

gundo dados da **Oil World**, cerca de 45% em relação à obtida em 1983. Este bom desempenho foi conseguido apesar do excesso de chuvas verificado no Sul do país e dos problemas climáticos e incidência de fungos que atingiram a lavoura na Bahia (principal estado produtor). Embora a superação da oferta brasileira de bagas, em 1984, tenha propiciado um incremento de 26% na produção de óleo e conseqüente crescimento das exportações brasileiras, em torno de 34%, a **Índia** ainda continua liderando o mercado internacional.

Ao contrário do que ocorreu nos últimos anos no Brasil, a acentuada expansão da produção indiana de bagas, notadamente a partir da safra 1981/82, ao pressionar os preços da matéria-prima, vem reduzindo os custos finais do óleo, aumentando o poder da competição do produto indiano no mercado externo. Além disso, o **ICM** que incide sobre as exportações brasileiras de óleo, em torno de 10% do valor **FOB** (em cruzeiros), contribui para aumentar ainda mais a competitividade de concorrentes como a **Índia**, onde os exportadores não pagam impostos.

Atualmente, embora não se disponha ainda de dados definitivos, sabe-se que, além de a **Índia** ter obtido uma colheita recordista de bagas (entre 450 mil e 500 mil t), a expectativa, segundo o **IBGE**, é de uma safra brasileira da ordem de 413 mil t e, portanto, bem superior às dos últimos cinco anos. Na **Índia**, onde o período de safra estende-se geralmente de dezembro a abril, o aumento da produção de óleo, associado ao fato de esse país ter retraído suas vendas (em torno de 40 mil t anuais) à **União Soviética**[5], um dos principais importadores mundiais de óleo (ver Quadro 13), acarretou excesso de oferta do óleo no mercado e conseqüente depressão das cotações internacionais. Em decorrência desse acentuado declínio dos preços o Brasil deverá auferir, na comercialização da atual safra (segundo semestre), menor receita cambial do que em 1984 com a venda de óleo.



Com a pressão de venda por parte da **Índia** e as primeiras confirmações da grande safra brasileira de bagas, o produto chegou a ser cotado em US$ 600/t **CIF-Rotterdam** em junho, mas já esteve em torno de US$ 900/t **CIF-Rotterdam** no início do ano e de US$ 1.380/t **CIF-Rotterdam** em junho de 1984.

(5) A **URSS** *é tradicional comprador da* **Índia**, *mas, este ano, as transações entre os dois foram suspensas, uma vez que o novo governo indiano passou a exigir o pagamento em dólares, ao invés de em mercadorias, como constava do acordo comercial.*

(JANET FAJARDO ZAIDHAFT, economista do Centro de Estudos Agrícolas/IBRE/FGV).